

FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Vanessa Nunes dos Santos ¹
Jaudréia Ribeiro da Silva ²
Sullimary Cardoso da Silva ³

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar os desafios da formação docente através das experiências nas práticas educativas de professores com jovens como produção de outros modos de educar para não violência nas escolas. Este trabalho constitui-se, portanto, em uma pesquisa bibliográfica que adotou, como procedimento metodológico, a revisão sistemática da literatura utilizando-se de livros, artigos de periódicos científicos e teses. Foram referências importantes para a construção dessa análise, dentre alguns nomes Abramovay (2018), Mosé (2014), no que se trata das violências e convivência nas escolas. Além de Freire (1996, 2016), Tardif (2014), Franco (2012) no que se fala sobre formação de professores e práticas educativas. Nos resultados obtidos, identificaram-se categorias relacionadas com o papel da Universidade na formação inicial e continuada; a formação inicial e continuada a partir das reflexões dos professores diante de sua prática educativa na realidade escolar e a formação a partir de temáticas específicas. Este texto torna-se relevante por retratar a emergência de diferentes formas de pensar a convivência no espaço escolar através da formação docente pautada na não violência escolar que provoquem práticas educativas inovadoras levando os docentes a restaurar o sentimento de pertencimento dos jovens ao espaço escolar.

Palavras-chave: Formação Docente, Práticas Educativas, Violências nas escolas.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência tem sido debatido frequentemente em todos os meios de comunicação social. Apresentando-se de forma complexa, por se tratar de um tema polêmico, plural e multifacetado. Observamos através da revisão de literatura especializada que muitos são os trabalhos que procuram perceber a influência da formação inicial e continuada no desenvolvimento de práticas educativas capazes de amenizar ou eliminar as violências dentro do espaço escolar.

Assim o foco deste trabalho, se volta para a violência escolar, destacando suas dimensões formativas, a partir das relações de convivência entre os vários sujeitos envolvidos em sua dinâmica, professores, gestores, alunos e demais funcionários. Aqui iremos refletir sobre as relações sociais na escola, que são estabelecidas para mediar o ensino e a aprendizagem através da formação docente e práticas educativas para não violência capazes de transformar o clima escolar.

O debate sobre as experiências na formação docente em Universidades e nas escolas através do desenvolvimento de práticas educativas com jovens capazes de produzir outros

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - (PPGE/UFPI), vanessandsantos@outlook.com;

² Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, jaudreia@hotmail.com;

³ Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sullimarysilva@hotmail.com.

modos de educar para não violência no cotidiano escolar ganha relevância no trajeto destes escritos. Sabemos que existem vários tipos de violências que interferem no modo como se organizam as práticas escolares, o que prejudica a qualidade do ensino por não abrir espaços de diálogos com os sujeitos envolvidos.

O acúmulo de atividades sem sentido na escola, com conteúdos fragmentados que não se relacionam com a vida, horários e prazos desgastantes, tiram o prazer e a alegria das grandes descobertas, assim as relações vão tornando-se complicadas gerando os grandes conflitos, multiplicados em ações violentas. O complexo envolvimento de normas na manutenção da ordem nos espaços escolares, sem a articulação entre professores e alunos, torna a comunicação falha, em um abismo hierárquico que não agrega a opinião dos jovens que acabam sendo excluídos das discussões alterando o clima escolar. Segundo Mosé (2014, p.49) "A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas".

O ambiente escolar, muitas vezes reproduz valores excludentes, sendo constituído de repetições: os conteúdos, as normas, os discursos dos educadores, o disciplinamento dos corpos dos jovens, até as práticas educativas buscam tecnologias pedagógicas para docilizar seus comportamentos, prejudicando as aprendizagens. O condicionamento dos jovens traz o fracasso para escola.

Destacamos aqui a importância de tornar a escola um espaço vivo de trocas de saberes através da consciência sobre nossas práticas educativas, pois a representação da responsabilidade dos docentes apenas com o domínio dos conteúdos específicos da disciplina não provoca mudanças, a escola permanece inerte, e como centro de interações explodem os conflitos comportamentais que geram as violências. Precisamos compreender os discentes como sujeitos ativos e essenciais para uma escola viva, entender os conflitos existenciais dos jovens, repensar metodologias, modificar as nossas práticas são apenas um pequeno passo frente aos problemas da escola, o que veremos nas próximas seções.

FORMAÇÃO DOCENTE E SABERES PARA A NÃO VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UM DEBATE NECESSÁRIO.

O trabalho docente deve está pautado pela ideia de construção de conhecimentos plurais, a partir das trocas de saberes e experiências com os jovens envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Não se pode mais conceber a educação como a simples transmissão

de conteúdos, fixos e imutáveis. Mas sim, como uma concepção de saber passível de mudança e transformações durante o processo, principalmente após a agregar as contribuições e leituras de mundo dos próprios estudantes, trazendo seus conhecimentos prévios, dúvidas, conceitos e prenoções como partes importantes a serem agregadas ao ensino.

Nessa acepção, acreditamos que a formação docente precisa ser constituída por temas diversos dentro do currículo de ensino; com metodologias ativas e inovadoras; com sistemas avaliativos participantes e dinâmicos; com o acesso à construção dos conhecimentos pelos estudantes de forma que repensem as tarefas e conteúdos para melhor atender a realidade a qual estão inseridos. A educação precisa falar de vida real para abrir espaço às transformações sociais; provocando a motivação dos alunos e alunas para colaborarem com o planejamento, através do entusiasmo e colaboração de todos e assim, a partir da perspectiva dos estudantes sobre determinados assuntos e contextos, iniciar as investigações, aproximando os conhecimentos nas relações recíprocas professor-aluno na sala de aula.

Assim, se pretende preencher os professores de atitudes científicas e reflexivas na condução e avaliação da sua própria prática, que lhes permitam a construção de paradigmas em torno de transmitir informação e valores; participar na planificação e gestão da escola, cooperando com os demais agentes da comunidade educativa e ainda, assumindo perante os alunos um papel de modelo.

A análise de necessidades de formação docente pode ser realmente apreendida, entre outros modos, a partir das expectativas da pessoa em causa ou até mesmo dos desejos que manifesta através da identificação de problemas que se deparam na execução das suas funções é por isso que podemos considerar indicadores de necessidades; a discrepância entre a percepção que o professor faz do seu trabalho como ele realmente é, e o que devia ser; a diferença entre as práticas que o satisfazem e as que suscitam nele descontentamento devido às burocracias do sistema. Nesse sentido, é a preocupação com a eficácia e sucesso da formação docente, através da formação contínua, que legitima a análise de necessidades ligada aos interesses, expectativas, os problemas da população a formar, produzindo objetivos indutores de formação.

"[...] o início da carreira representa também uma fase crítica em relação às experiências anteriores e aos reajustes a serem feitos em função das realidades do trabalho. Ora, este processo está ligado também à socialização profissional do professor e ao que muitos autores chamaram de "choque com a realidade", "choque de transição" ou ainda "choque cultural", noções que remetem ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho[...]". (TARDIF 2014, p.82).

Nas palavras de Tardif observados que as especificidades e problemas da hora da prática, vão trazendo a necessidade de uma formação contínua para melhor profissionalização do educador, de forma mais humanizada e esclarecida sobre o contexto social possibilitando uma forma de educação permanente. Pois é preciso entender que a carreira docente não se esgota na formação inicial, devendo assim prosseguir ao longo da vida profissional, respondendo as necessidades dos professores e do sistema educativo numa ligação constante entre teoria e prática.

Precisamos entender a formação como uma necessidade para o melhor desempenho dos professores, visando à aprendizagem dos alunos. A construção de novos paradigmas na formação de professores deve surgir como mais uma forma de aprofundamento da análise das necessidades. Ao falarmos de paradigmas da formação contínua encontrados no livro, de Rodrigues e Esteves (1993) um conceito importante de formação contínua para o entendimento das competências práticas; necessárias para a mudança do sistema educativo; para uma melhor resolução de conflitos.

Formação contínua será aquela que tem lugar ao longo da carreira profissional após a aquisição da certificação profissional inicial (a qual só tem lugar após a conclusão da formação em serviço) privilegiando a ideia de que a sua inserção na carreira docente é qualitativamente diferenciada em relação à formação inicial, independentemente do momento e do tempo de serviço docente que o professor já possui quando faz a sua profissionalização, a qual consideramos ainda como uma etapa de formação inicial. (RODRIGUES E ESTEVES, 1993, p. 44-45).

Assim a formação dos professores seguindo as construções de paradigmas implica, num caráter contínuo, associando formação à pesquisa científica, um maior reconhecimento das experiências e práticas de ensino, mediadas por uma alternância entre teoria e prática no processo formativo. As experiências nos espaços escolares são o maior laboratório formativo, porém é necessário haver uma base teórica crítica e reflexiva sólida capaz de ajudar na construção de alternativas de resolução dos desafios cotidianos.

A carreira docente parte da formação e da construção de conhecimentos, dentre eles o conhecimento dos conteúdos das disciplinas, o conhecimento curricular, conhecimento pedagógico, o conhecimento do conteúdo pedagógico e o conhecimento dos alunos e de suas características. As discussões que o conhecimento profissional do professor necessita são complexas, amplas, multifacetadas e integra uma variedade de formas e categorias. Onde a educação e o ensino, são atividades práticas, ligadas as teorias de suporte e fundamentação epistemológica.

Os projetos de formação docente instituídos neste contexto têm o propósito de resgatar o protagonismo de educadores/as e educandos/as na construção das propostas pedagógicas das escolas, transformando as instituições de ensino num espaço de diálogo e reflexão sobre os problemas e as demandas vivenciadas pelos

educandos, utilizando-se dos conhecimentos socialmente construídos nas diferentes áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, as escolas precisam contribuir na formação crítica e cidadã dos jovens, criando alternativas de ensino e aprendizagem em que os educandos desenvolvam-se enquanto sujeitos políticos, com autonomia para pensar seus projetos de vida e as políticas públicas de convivência [...]. (LIMA, 2015, p. 183).

Com base nos argumentos apresentados a formação profissional dos professores constituísse da interpenetração entre teoria e prática, sendo que essa teoria deve ser trabalhada nos currículos de formação inicial com maior rigor, voltando-se para a leitura das realidades em que educadores e educandos estão inseridos, colocando os conhecimentos para serem obtidos a partir das experiências práticas de convivências entre os sujeitos orientando teoricamente a ação docente.

FORMAÇÃO DOCENTE PAUTADA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA NÃO VIOLÊNCIA

Observamos com a revisão de literatura para constituição deste texto que o professor não nasce pronto é algo construído ao longo da carreira. Desse modo, seu processo formativo deve incluir processos de aprendizagens contínua de caráter formal e não formal. Aprender a ensinar pressupõe a aquisição de determinados conhecimentos, destrezas, individualidades e expressão pessoal, já que é um processo subjetivamente focalizado. É assim, um fenômeno de caráter social, cultural e institucional.

O ensino passa por um processo de aprender a ensinar numa perspectiva ligada ao contexto da formação inicial e ao contexto das experiências práticas, o que pressupõe a análise do modo como se adquire e desenvolve o conhecimento, mas também o estudo das influências pessoais e contextuais que o condicionam. O processo de construção de conhecimentos entre alunos e professores se constituem em um itinerário formativo e neste caminho, podemos distinguir várias fases que implicam exigências pessoais, profissionais, organizacionais e contextuais distintas e que dependem dos modelos de formação em que se inscrevem. Neste contexto, o professor precisa desde o estágio até a carreira experiente ir atualizando sua prática de modo a educar de outro modo que agregue conceitos importantes para os sujeitos desse processo.

O processo de aprender e ensinar passa por um processo de formação inicial ligada ao contexto prático o que pede a análise sobre as influências desse processo. O percurso no que diz respeito à relação professor/aluno/contexto se constituem em um itinerário formativo e neste caminho, podemos distinguir várias fases que implicam exigências pessoais, profissionais, organizacionais e contextuais distintas e que dependem dos modelos de

formação em que se inscrevem. Neste contexto, o professor passa pelo que os autores denominam de etapas formativas: candidato a professor ou aluno futuro professor, o professor estagiário, o professor principiante e o professor com experiência.

Observamos que a formação inicial e contínua de professores necessita da análise prática articulada necessitando que os cursos de formação desenvolvam currículos, disciplinas e atividades de estágio que se alinhem com as realidades das escolas. A prática aqui para sua existência e legitimidade precisa ser lembrada em sua máxima significação como uma construção coletiva de saberes através do diálogo constante das ideias para a ação. Quando voltamos nosso olhar para escola é preciso trazer o saber pedagógico para fazer parte deste entendimento, pois se relaciona com os sujeitos influenciando o potencial educativo.

Portanto, a prática pedagógica realiza-se por meio de sua ação científica sobre a práxis educativa, visando compreendê-la, explicitá-la a seus protagonistas, transformá-la mediante processo de conscientização de seus participantes, dar-lhe suporte teórico, teorizar com os atores, encontrar na ação realizada o conteúdo não expresso das práticas. (FRANCO, 2012, p. 169).

Analizamos a partir de Franco (2012) que os docentes constroem sua prática pedagógica, em constante diálogo, com seu fazer cotidiano em sala de aula. O não saber dos docentes diante de problemas cotidianos com os jovens dentro do ambiente escolar conduz sua prática à busca de conhecimentos que possam auxiliá-lo, pois os saberes docentes precisam ser construídos a partir da leitura de mundo e dos conhecimentos prévios sobre a realidade em que está inserido.

Aqui destacamos a necessidade de pensar e repensar nossas práticas em uma dinâmica constante de construir e reconstruir, para melhor fazer, com a ajuda de uma escuta sensível e um olhar aprofundado sobre seu lugar que possibilite a busca e concretização de uma intervenção por meio do diálogo.

No entanto, não encontramos esse olhar e escuta na escola, na verdade se ver a venda sobre os olhos diante das práticas educativas, o que nega a comunicação entre seus partícipes e legítima a imposição de saberes que não se alinham. Usando da perspectiva freireana precisamos mesmo legitimar as experiências para que possamos convencer os atores desse sistema, nas palavras de Freire (1996, p.22) "que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção".

A prática pedagógica precisa passar por uma intencionalidade no ensinar e aprender, que perpassa as realidades dos jovens, que façam parte de suas histórias de vida, situados em um contexto de relações dialéticas entre os conceitos de teoria e prática de ensino, com

conteúdos que abrangem o social numa perspectiva da interdisciplinaridade e da transversalidade.

Uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados. (FRANCO, 2016, p. 536).

Conforme Franco (2016), toda prática pedagógica está vinculada a uma epistemologia, portanto as escolhas metodológicas que passam pela potencialidade das tecnologias da informação e comunicação. Dessa forma, a prática pedagógica se organiza intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais promovidas ou requeridas por uma dada realidade social ou para a reflexão sobre um grupo particular de alunos. Aqui pensar as metodologias ativas são mecanismos utilizados pelos docentes para ampliar os processos educativos, através da mediação dos conceitos que problematizam cada realidade, por meio das experiências e do uso de tecnologias.

Observando e juntando esses fragmentos de ideias sobre os jovens, a formação docente, práticas pedagógicas e práticas educativas e nos lançamos para aprofundar os estudos sobre as relações sociais que abrangem as intervenções sobre os saberes da escola, que necessitam ser vistos como provisórios, que, portanto passíveis de mudanças que possam transformar a cultura dessa instituição, com métodos inovadores de ensino, capazes de levarem experiências significativas que intervenham sobre as violências promovendo a participação dos estudantes nos planejamentos e execução dos projetos tornando-os sujeitos atuantes e pertencentes à escola.

As práticas do cotidiano escolar voltadas para o surgimento, crescimento e consolidação de um projeto democrático, que fomente o diálogo dos educadores e educandos, favoreça a interlocução entre saberes acadêmicos e saberes populares, de vivências, saberes juvenis tecendo redes de falas e de registros, ações e intervenções, podem possibilitar novos movimentos de participação ativa e cidadã. (ABRAMOVAY, 2018, p. 22-23).

Os espaços formativos e educativos precisam das experiências dos jovens para permitir a vivência coletiva, trazendo aprendizados essenciais frente às questões necessárias para a mudança e desenvolvimento da convivência, com o respeito às pluralidades e diferenças eliminando os preconceitos. Precisamos de conhecimentos na prática possíveis de reflexão que nos ajudem a ultrapassar situações complexas e conflituosas entre as juventudes, servindo como peça chave na resolução de problemas.

Precisamos ampliar o processo de reflexão sobre a prática educativa assumindo um projeto de educação capaz de assumir uma postura crítico reflexiva frente ao ensino levando para o processo de formação inicial e contínua nas Universidades e escolas a possibilidade da construção de saberes e conhecimentos teóricos que tenham em vista a transformação social a partir da prática educativa de professores na relação com os alunos e a comunidade.

Essa epistemologia da práxis transformadora deve acontecer durante a formação docente e, mas tarde na sua prática educativa levar educadores e educandos a refletir os problemas educacionais em parcerias que façam esse fazer acontecer de forma coletiva, democrática e participativa, trazendo para o trabalho docente experiências que favoreçam conhecimentos socializados que perpassem o planejamento e organização desses saberes a partir das ideias e conceitos dos próprios alunos e professores.

A finalidade de quaisquer práxis pedagógicas, inclusive das Instituições de Educação Superior, é a construção da humanidade do ser humano; ou seja, ajudar a formar subjetividades dialogantes, críticas, expansivas, capazes de contribuir com a conformação de outras relações sociais. Perspectiva que não escapa à práxis de formação de professores. (SOUZA, 2012, p. 71).

Assim Souza (2012) nos fala que a práxis pedagógica deve ser avaliada pela contribuição que ela pode garantir à construção da humanidade do ser humano. Trazendo que a práxis pedagógica se propõe a ser a expressão da busca de crescimento humano e do reconhecimento social dos profissionais da educação e da contribuição que cada um de nós pode dar para o desenvolvimento integral de nossos aprendizes de humanidade e para o desenvolvimento sustentável de sua comunidade, de nosso país e de cada um de nós.

Os conteúdos educativos, instrumentais e operativos são outra preocupação apontada nesta reflexão sendo constituídos pela análise geral do contexto sócio-histórico cultural, sendo conteúdos pedagógicos importantes para a formação dos educadores através de uma práxis educativa que vai trabalhar a compreensão humana, seus conflitos, suas contradições, suas ambiguidades e as possibilidades de superação de suas limitações culturais, intervindo e criando novas formas de superação dos problemas sociais. Hoje se educa numa era planetária, multiculturalista, plural que pede por uma análise e reconfiguração das identidades docentes.

O ambiente escolar não é receptivo às várias formas de expressão juvenil, causando a insatisfação dos alunos e alunas estigmatizados de “infratores”, o que implica no desconforto sobre as relações. É importante que haja na formação docente o desenvolvimento de práticas educativas reflexivas que promovam as interações sociais e a participação dos jovens no contexto escolar, através de iniciativas inovadoras que aproxime as juventudes da cultura escolar contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem mais eficaz e criativo.

Na escola, o jovem, muitas vezes, é considerado somente como aluno e se perde de vista a diversidade, os parâmetros que fazem parte das modelagens das juventudes, afastando-os da cultura escolar e dessa forma se torna em si mesma fonte de discriminação, reproduzindo preconceitos, valores discriminatórios e pouco flexíveis. De fato, a cultura escolar é hierárquica e pouco sensível quanto as formas de ser, agir, falar e se comportar do jovens o que induz a um clima escolar negativo e relações sociais complicadas. (ABRAMOVAY, 2018, p. 35).

A escola não leva em consideração a cultura juvenil, o jovem é apenas um aluno que precisa ser disciplinado e orientado dentro de um espaço de reprodução de saberes e poderes hierárquicos, que não preocupasse com a diversidade dos jovens, mas sim em formas de homogeneizar o ensino e eliminar qualquer ação estranha à norma, o que causa os altos índices de reprovação, baixo rendimento, baixa autoestima, evasão, ou melhor, definindo “expulsão”, em um contexto no qual a escola não sabe recebê-los, apoiá-los crescendo o sentimento de não pertencimento. O que reflete no aumento das violências no espaço escolar, como válvulas de escape negativas para a manifestação da fala que torna-se transgressora. Maturana (2004, p. 09) nos alerta sobre a importância da comunicação nas relações quando nos fala "ao viver, fluímos de um domínio de ações a outro, num contínuo emocionar (vivenciar as emoções) que se entrelaça com nosso linguajar. A esse entrelaçamento chamamos de conversar".

A comunicação é a melhor mudança nas relações escolares. O prazer em aprender parte do envolvimento de todos os sujeitos desse espaço, que no momento que passam a participar e serem ouvidos, muda à convivência, pois a escola passa a funcionar como um espaço democrático. Quando se pensa na escola, não podemos esquecer que o descompasso entre juventude e escola dificulta a consolidação do sentimento de pertença dos estudantes ao espaço escolar. É necessário lembrar a todo o momento que a escola precisa se preparar para uma diversidade de jovens que se diferem pela classe social, etnia, raça, gênero, sexo, ideologia, religião entre tantos outros aspectos identitários, que precisam de atenção.

Construir lugares de fala possibilitando a voz e a visibilidade desses sujeitos, através de experiências humanizadas, significa a quebra dos silêncios institucionalizados. Segundo Freire (2016, p. 134) "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". Essa falta de conexões da escola prejudica as relações sociais, esses desajustes bloqueiam os pensamentos juvenis causando angústias, isolamentos e também reações contrárias ao sistema, tais como rebeldia, incivilidade, indisciplina e depreciação.

Esse cenário controverso abre as portas para novos conflitos; pensar, expressar, compartilhar são palavras da vez no cyber universo da cultura juvenil, o que exige uma educação para além dos conteúdos que perpassa por um espaço vivo de produção de saberes e

experiências dos jovens e professores, que partem para uma reflexão para tornar essa convivência ética, dialógica e democrática, vinculada aos saberes da comunidade a qual transita.

Por isto, o dialogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2016, p. 135).

Desse modo, como nascem as experiências escolares? E como é possível criar modos de transformação das experiências em cotidianos de caos nos ambientes educacionais? As histórias de vida e as palavras são formas de atravessar o campo das experiências de maneira intensa e expressiva, criando significados para as ações dos educadores e jovens, numa prática educativa coletiva que se refaz para o acolhimento das diversidades.

O campo das experiências como nos lembra Larrosa (2016) abrem espaços para tremores, vibrações presentes na subjetividade de cada linguagem, a busca por palavras que resignifiquem as experiências pertence a fundamentos essenciais da vida. As palavras dão novos conceitos ao fazer cotidiano descortinando as necessidades de formação dos docentes que passam a construir e reconstruir suas falas repensando a cultura escolar a partir das contribuições da cultura juvenil mudando paradigmas.

As experiências necessitam das construções coletivas de significados, levando-se em consideração as lutas de todos, seus discursos, ideias e palavras. De acordo com Larrosa (2016, p.16-17) "pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece". A formação docente e as participações efetivas de práticas educativas transformadoras buscam atender as multifacetadas situações de ensino e aprendizagem do contexto escolar. As lutas presentes dentro das instituições educativas precisam unir-se por competências plurais.

Tornar a filosofia dos jovens, sua oralidade, uma prática de produção do pensamento, em meio à heterogeneidade de palavras, trará condições reais para que alunos e professores entendam os saberes como algo desdisciplinar, descolarizado, educando pelas experiências e não por regras, vendo os saberes como potência de vida. As palavras precisam está em movimento, dentro das instituições de escolarização, elas necessitam está presentes nas relações, ultrapassando as violências, buscando pessoas para habitar a leitura, a escrita, a conversação, a invenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Violência nas escolas não é mais apenas um tema livresco, mas um fato social que têm ocupado espaço nos meios de comunicação de massa, no meio acadêmico e junto à população em geral. A sociedade brasileira tem presenciado cada vez mais a propagação da violência entre crianças, adolescentes e adultos que devido às intoleráveis condições socioeconômicas veem-se obrigados a ver e ouvir todos os dias cenas de violência gratuita, massificada e manipulada pela mídia que tende a enfatizar os casos extremos de violência nas escolas, compondo um cenário marginalizado em torno, especialmente das escolas públicas de periferia.

Sendo assim, é necessário que a escola enquanto instituição social garanta a participação efetiva de todos os atores sociais e assegure a representação da diversidade tanto econômica, social e cultural, assim como se mantenha aberta a mudanças que contribuam para construção da cidadania.

Defendemos o diálogo como a melhor maneira de transformamos as relações entre os estudantes, professores, gestores, funcionários, famílias e demais sujeitos sociais nessa complexidade que é a vida e as relações sociais. Compreendemos os fatores de risco e os grandes desafios enfrentados por todos no cotidiano escolar, porém esse ainda é o melhor ambiente para problematizar as questões sociais desenvolvendo pontes para a promoção da transformação e formação da comunidade para a cidadania. Aqui ressaltamos a convivência inclusiva como ponto importante para melhorar a escola dentro de uma diversidade cultural.

Nesse sentido, as expressões juvenis devem ser valorizadas e não simplesmente reprimidas, por serem muitas vezes manifestações catárticas que, portanto exprimem contestações às regras impostas ou conflitos internos que podem e devem ser trazidos para o contexto da sala de aula em momentos oportunos.

Concluimos que o processo de violência na escola é multifacetário, tornando-se plural e, nesta dimensão as pichações, depredações, indisciplina, transgressão, bullying e incivilidade podem significar uma reconfiguração do comportamento dos sujeitos na escola diante de uma escola autoritária. Assim, precisamos lutar por uma formação docente que forneça subsídios importantes para um conhecimento crítico da realidade histórico-cultural, em constante mudança que transforme os conteúdos educativos, através da práxis pedagógica, configurando-se, portanto, na educação para a multiculturalidade. Possibilitando inclusive, às várias camadas populares, a apropriação, o domínio e o desenvolvimento cultural, de sua cultura enquanto uma dimensão humana.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Guia para diretores e professores:** reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo!/ Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva, Eleonora Figueiredo. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, BID, 2018. 89p.
- ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Guia para diretores e professores:** reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo!/ Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva, Eleonora Figueiredo. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, BID, 2018. 93p.
- FRANCO, M. A. do R. S. **Pedagogia e prática docente.** - 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2012. - (Coleção Docência em Formação: Saberes Pedagógicos/Coordenação Selma Garrido Pimenta).
- FRANCO, M. A. do R. S. **Prática pedagógica e docência:** um olhar a partir da epistemologia do conceito. Rev. Bras. Estud. Pedagog. (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/2882/pdf> Acesso em : 27 de Junho de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 60º ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016
- LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. - 1. ed.; 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LIMA, Elmo de Souza. **Formação continuada de educadores/as:** as possibilidades de reorientação do currículo. - 1. Ed. - Curitiba, PR: CRV, 2015. 200 p.
- MATURANA, Humberto R. **Amar e Brincar:** fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Gerda Verden Zöller: Trad. Humberto Marioti e Lia Diskin. - São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** 3ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- RODRIGUES, A.; Esteves, M. **A análise de necessidades na formação de professores.** Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora, 1993.
- SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e formação de professores.** Org: Inez Maria Fornari de Souza. - 2. Ed. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p.217.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação profissional.** 17º. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.